

## Portugal enfrenta o seu passado com cautela



O presidente português Marcelo Rebelo de Sousa na ilha senegalesa de Gorée, de onde escravos africanos foram transportados para a América durante séculos. Foto AFP

**Os portugueses têm um orgulho inigualável no seu passado de navegadores. E mesmo o seu papel no comércio global de escravos foi envolvido num manto eticamente responsável durante anos. Mas isso está a mudar agora.**

Por **Maartje Bakker**

O monumento deve vir para aqui. Beatriz Gomes Dias está nas margens do Tejo, que percorre os últimos quilómetros até ao mar. Agora o cais em Lisboa é um passeio pedonal, mas outrora, no século que foi de ouro para os portugueses, o XVI, os navios atracavam aqui depois de terem completado a sua viagem pelos oceanos do mundo. Traziam escravos de África e levavam-nos de volta para a América. Num edifício que ficava aqui, os escravos eram temporariamente acomodados.

Agora não há nada que nos lembre do agitado comércio de escravos da época. E é exatamente isso que incomoda Gomes Dias (46). Ela quer um monumento para as pessoas escravizadas. Ela diz isso, consistentemente: pessoas escravizadas.

"O monumento deve homenageá-las", diz ela. "E também queremos lançar a discussão sobre o racismo no nosso tempo."

Esse monumento está a chegar. Lisboa tem um orçamento participativo há anos, uma dotação do município para os projetos dos próprios moradores. A Djass – Associação de Afrodescendentes, da qual Gomes Dias é presidente, apresentou a ideia do monumento da escravatura - e venceu a última votação.

Na Holanda, o passado colonial está em discussão. A J.P. Coerschool quer um novo nome e o centro de arte Witte de With, em Roterdão, continuará a ser associado ao "herói do mar mau".

<https://www.volkskrant.nl/buitenland/portugal-ziet-zijn-slavernijverleden-voorzichtig-onder-ogen~a4589537/>

A personagem Zwarte Piet recebeu uma reforma, porque representava uma imagem caricatural das pessoas negras.

Mas também em Portugal a mudança está no ar. Tal como os Países Baixos, Portugal está cautelosamente envolvido no autoexame crítico. O monumento da escravatura é um símbolo disso.

## A ILHA DE GORÉE

A visita, no ano passado, do presidente Marcelo Rebelo de Sousa à ilha senegalesa de Gorée foi significativa em dois aspectos. Desta ilha, conquistada aos portugueses no século XVII pelos holandeses e batizada em homenagem a Goeree, no sul da Holanda, os escravos foram transportados de África para a América durante séculos.

Entretanto, tornou-se uma espécie de lugar de peregrinação para dignitários que querem evocar a escravidão. O papa João Paulo II pediu perdão pelos missionários católicos que participaram no tráfico de escravos. Os presidentes americanos Clinton, Bush Jr. e Obama também visitaram a ilha.

Não foi, portanto, sem significado que o presidente português, um descendente dos maiores comerciantes de escravos da história, pôs nela os pés. No entanto, ele ainda não foi suficientemente humilde para alguns. Rebelo de Sousa disse em Gorée que Portugal reconheceu a injustiça da escravatura quando a aboliu em 1761. E dada a recepção calorosa no local, os portugueses não tinham motivo para se envergonharem de nada.

Um numeroso grupo de intelectuais portugueses recebeu essas declarações com ira. Portugal aboliu a escravatura em 1761 no seu próprio país, mas Rebelo de Sousa omitiu que nada mudou nas colónias portuguesas naquela época. Teria sido melhor se o presidente, como o Papa João Paulo II, tivesse expressado o seu arrependimento pelo papel dos portugueses no tráfico e na exploração. É uma grande mudança. Os portugueses sempre se orgulharam extraordinariamente do seu passado de navegadores. Hoje em dia, Portugal pode não representar tanto à escala global, mas os portugueses ainda encontram conforto no facto disso ter sido diferente no passado.

### FIEL AMIGO DOS ÍNDIOS



A estátua do Padre António Vieira em Lisboa.

Recentemente, uma nova estátua foi inaugurada em Lisboa: o padre António Vieira com três crianças indígenas. Vieira defendeu os habitantes originais da América, mas não fez o mesmo para os escravos negros, segundo os seus críticos. O grupo "Descolonizando" organizou um protesto contra a estátua. Vieira é por eles considerado um defensor da "escravidão seletiva". Isso provocou uma contramanifestação muito maior de manifestantes de extrema-direita, que protegiam a estátua com bandeiras portuguesas.



Beatriz Gomes Dias no cais de Lisboa, onde será criado um monumento para 'as pessoas escravizadas'. "Queremos lançar a discussão sobre o racismo". Foto Maartje Bakker

## HENRIQUE, O NAVEGADOR

Nas margens do Tejo, um pouco a jusante do centro de Lisboa, ergue-se um grande Monumento aos Descobrimentos. É aqui que o Infante D. Henrique lidera uma comitiva composta por todos os homens que descobriram rotas marítimas para a Índia, para a China, por todo o mundo.

Atrás deles fica o Mosteiro dos Jerónimos, construído durante o apogeu português. Das pedras cinzentas foram esculpidas cordas de navios, correntes e algas marinhas: o estilo manuelino, em homenagem ao rei português que estava no poder na época. Vasco da Gama, que navegou para a Índia, está lá sepultado. Perto dele, Luís de Camões, era próximo dos lusitanos (uma outra palavra para designar os portugueses).

Tente perturbar a festa no meio de tanto autorregozijo.

No entanto, foi isso que fez Marta Araújo (45), cientista social. Ela examinou com um olhar crítico como os livros escolares do seu país representam a escravatura. 'Há mapas nesses livros com as 'riquezas que foram negociadas': marfim, ouro, pimenta, escravos. Como se as pessoas escravizadas fossem apenas um produto!'

Aquilo que, segundo Araújo, é completamente ignorado: as lutas que os escravos travavam nas colónias. "Há sempre um salvador branco que aparece. Os negros são apenas retratados como escravos e vítimas. Nem uma palavra sobre as revoltas contra o domínio português. Uma criança disse-me uma vez: eu não tinha ideia de que eles podiam libertar-se".

Araújo trabalha na Universidade de Coimbra, a mais antiga do país. A biblioteca da universidade está ornamentada com ouro das colónias, mas, para indignação desta investigadora, o visitante não ouve uma palavra sobre a origem de toda essa riqueza. As calçadas da cidade são ornamentadas com rosas-dos-ventos.

O Ministério da Educação mostrou pouco interesse nas suas pesquisas, diz Araújo. "Disseram: história é história."

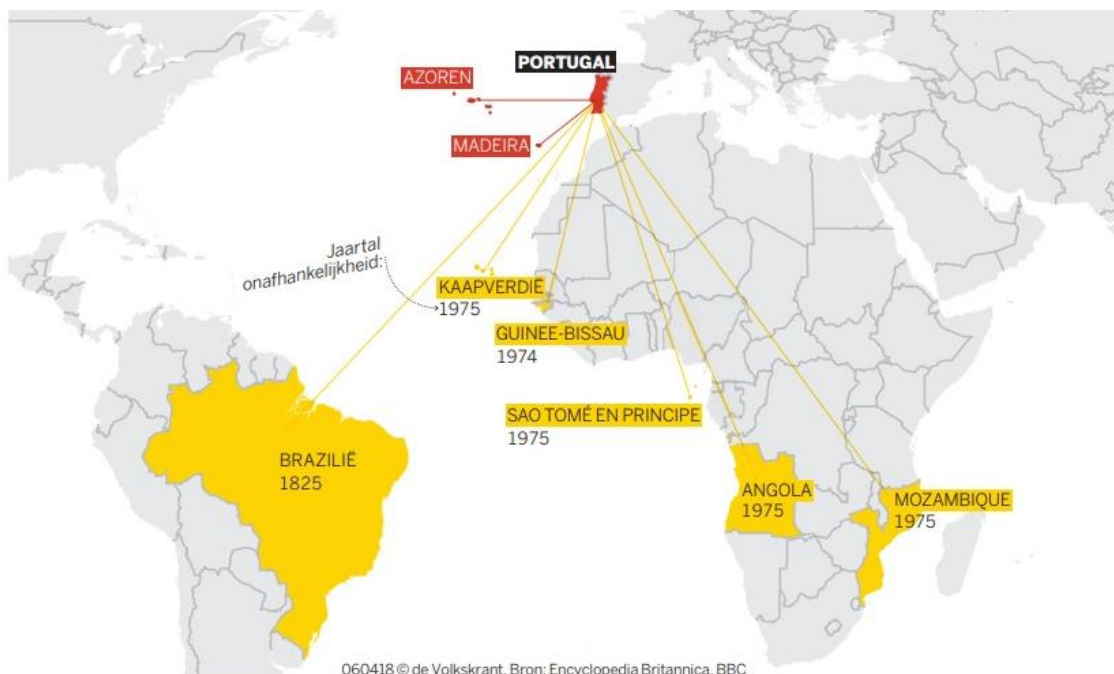
Segundo a investigadora, Portugal vê-se como exceção. Teríamos sido bons colonizadores, muito menos cruéis que os holandeses ou ingleses. Os portugueses misturar-se-iam naturalmente bem com as pessoas dos trópicos, porque eles próprios também são uma mistura de povos diferentes, dos celtas, romanos e mouros. "O regime autoritário de Salazar promoveu esta ideia do "lusotropicalismo" para justificar que Portugal mantivesse colónias até ao final do século XX.

"Esse mito é repetido e repetido", suspira Beatriz Gomes Dias. "E é por isso que as pessoas acreditam que os portugueses não são racistas. Como podemos ser racistas se fomos os primeiros a entrar em contato com outras culturas?"

## PASSADO COLONIAL PORTUGUÊS

■ Antigas colónias

■ Atuais regiões autónomas



## NEGROS PORTUGUESES

Em Portugal, e seguramente em Lisboa, vê-se muitas pessoas de pele escura na rua. No entanto, Gomes Dias, cujos pais são da Guiné-Bissau, percebe que os negros não são considerados portugueses de pleno direito. Na TV, na política e no governo eles são, segundo ela, praticamente ausentes. Somente pessoas brancas aparecem em campanhas do governo.

Gomes Dias é uma grande apoiante da recolha de dados étnico-raciais no próximo recenseamento da população que o governo português vai fazer, para que este "racismo institucional" possa ser revelado. "Finalmente saberemos quantos portugueses negros existem. E então poderemos provar que há discriminação no mercado de trabalho, nas escolas, na habitação."

A súbita atenção ao racismo é o resultado de uma mudança geracional, considera Gomes Dias, professora de biologia de profissão. "Os nossos pais lutaram pela independência dos seus países face a Portugal. A primeira geração de imigrantes aceitou um teto sobre as suas cabeças e a nacionalidade portuguesa. Agora é a nossa hora. Queremos que nos reconheçam como portugueses de pleno direito".

Não são só os portugueses negros, mas também uma nova geração de portugueses brancos que estão a ser ouvidos. André Amálio (41), criador teatral, aprendeu na escola, como qualquer criança portuguesa, que o seu país foi o primeiro a abolir a escravatura. "Foi só quando estudei em Inglaterra que ouvi que os portugueses também haviam começado o comércio de escravos. E que Portugal é o maior comerciante de escravos da história. Isso foi um choque para mim." Amálio incluiu a cena na peça teatral 'Passa-Porte', sobre a identidade portuguesa.

Portugal só perdeu as suas últimas colónias africanas em 1975. "Ao contrário dos nossos pais, não vivenciámos os tempos coloniais", diz André Amálio. "É por isso que não temos medo de olhar para trás."

Às vezes parece que estamos a viver num tempo de nacionalismo renovado. Mas, ao mesmo tempo, há um contramovimento que não quer glorificar o próprio passado e que quer praticar a autocrítica.

Isso não acontecerá sem luta. Alguns dos amigos de Amálio dizem-lhe: o que é que estás a fazer? "Eles não entendem por que é que eu falo mal dos portugueses e acham que eu deveria falar sobre as grandes coisas que Portugal fez." Com um suspiro: "Eles preferem continuar a acreditar num conto de fadas."

Mas não ele. 'Eu quero reescrever a história', diz André Amálio. Assim como Beatriz Gomes Dias e Marta Araújo. "É tempo de descolonizar o pensamento."